

BRASILIA

Da utopia à Capital

**Educação patrimonial,
educação para a
sustentabilidade e
cerrado – inspirações
e contribuições**

Educação patrimonial, educação para a sustentabilidade e cerrado – inspirações e contribuições

Apresentação 3

**Contribuições sobre
educação patrimonial 6**

**Contribuições sobre educação
para a sustentabilidade 16**

APRESENTAÇÃO

Brasília nasceu de sonho, de utopia e garra. Muita garra!

Eis uma cidade fruto do pensamento modernista impulsionado por ideais democráticos e desenvolvimentistas no âmbito do comércio, da indústria, da política, das artes e da cultura. É um caso único no mundo.

O projeto expositivo *Brasília – Da utopia à Capital*, apresentado em 12 países, ao longo de 10 anos, chega à capital do país para as comemorações dos 60 anos de sua fundação com um novo conceito. Nesta edição denominada Brasília Museu Aberto, em formato digital, reúne um icônico acervo que representa brilhantemente o que há de melhor na recente história da arte brasileira. As obras, de autoria de importantes personalidades artísticas que fazem parte da trajetória da Nova Capital do Brasil, integram um projeto singular, em que o expectador terá acesso ao conteúdo artístico não somente pela internet, mas também em gigantescos painéis de LED espalhados pela cidade. Brasília se tornará, assim, um grande museu aberto.

Graças a seu caráter único e inovador, o projeto Brasília Museu Aberto resgata, de forma efetiva, a essência da corrente de pensamento que defende um acesso mais amplo e democrático às artes e à cultura. Ao mesmo tempo, esta proposta busca estimular a resignificação do espaço público a partir das plataformas digitais e de painéis de LED posicionados em locais estratégicos da cidade.

Assim, visa a potencializar a dimensão de pertencimento do expectador, aproximando-o de conteúdos da sua própria história. Além de resignificar as funções do espaço público existente, busca oferecer novas experiências sensoriais. Nessa dimensão, o território ressurgue como cenário lúdico para a apreciação simbólica de um museu a céu aberto. O espaço exterior, a *urbs*, transforma-se num palco natural e reforça, a partir da mensagem artística, o elo entre o cidadão e o espaço que ocupa.

Ao mesmo tempo, por meio das redes sociais e da internet, o projeto pretende promover o interesse na história da nossa Nova Capital, alcançando não somente a população brasiliense, mas também todos os segmentos da sociedade, em nível mundial. Visa, assim, a estimular a amplificação e significação da importância dos elementos formadores do percurso que culminou na grande obra do Governo JK – o mais importante marco do modernismo do século XX.

O projeto Brasília Museu Aberto reforça sua identidade virtual em sintonia com o atual cenário epidêmico mundial, que nos impõe novas relações culturais. Isso se verifica especialmente no surgimento e difusão de normas diferenciadas de convívio social, marcadas pelo necessário distanciamento social.

Este projeto representa um marco na história de nossa cidade. Ao conferir um novo caráter aos tradicionais conceitos aplicados a exposições artísticas, abre ao público a percepção de outras possibilidades de apreciação da arte.

É possível transformar eventos culturais em ambientes de inspiração e aprendizagem, capazes de provocar reflexões e atitudes por um mundo melhor?

O Brasília Museu Aberto entende que sim. Com esse propósito, presenteia Brasília com um material pedagógico produzido especialmente para o projeto: *educação patrimonial, educação para a sustentabilidade e cerrado – inspirações e contribuições*. Esse material, elaborado a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), aborda conteúdos e reflexões relacionados aos temas centrais da exposição: educação patrimonial; educação para a sustentabilidade; o Cerrado; e o importante papel da educação. Também são apresentadas sugestões de atividades pedagógicas que podem transformar a exposição em um instrumento significativo de formação e construção da cidadania.

Com a concretização deste projeto em comemoração aos 60 anos de Brasília, desejamos investir na valorização de um capítulo importante da história do Brasil, promovendo a manutenção e permanência da memória cultural e a

educação patrimonial. Integramos às percepções de patrimônio cultural um conjunto de outros aspectos – também relevantes e indissociáveis das paisagens e construções de mundo – que são os componentes ligados ao conceito da sustentabilidade. Promover reflexões em torno dessas temáticas e estimular atitudes de valorização dos bens coletivos – sejam socioculturais, ambientais, ou até mesmo econômicos – são objetivos que traduzem as motivações desta iniciativa para as escolas públicas e privadas do DF. Nesse resgate da memória cultural brasileira, propõe-se possibilitar, aos estudantes e ao público em geral, uma oportunidade de conhecimento e reflexão sobre as paisagens das cidades. Além disso, pretendemos garantir o acesso a importantes bens culturais, sociais e naturais e, ainda, reafirmar a identidade da capital brasileira que comemora 60 anos em 2020. Transpondo as barreiras dos espaços formais de apreciação da arte, esta mostra pretende apresentar novas possibilidades de reconhecimento e preservação dos valores patrimoniais e ambientais de Brasília e seu entorno, considerando a trajetória histórica e cultural da população que participou ativamente da construção dessa joia do modernismo.

DANIELLE ATHAYDE

CURADORA

CONTRIBUIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Brasília: Cidade Monumento

Projetada e construída no curto espaço de tempo entre 1957 e 1960, Brasília é uma cidade que já nasceu da ideia de monumentalização do seu espaço e das suas formas.

Concebida para sintetizar o projeto nacional de modernização do País, a Capital Federal foi dimensionada através de quatro escalas - monumental, residencial, gregária e bucólica - inseridas em um esquema urbano que realçou o caráter representativo dos espaços de poder institucional, representados pela Praça dos Três Poderes e pela Esplanada dos Ministérios. Completa ainda este quadro a expressão das formas do edifício do Congresso Nacional e a projeção das formas de habitar concebidas pela Unidade de Vizinhança e suas superquadras.

Lucio Costa, arquiteto e urbanista, foi o vencedor do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, lançado em 1956 pelo então Presidente da República, Juscelino Kubitschek e organizado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap, que deu origem ao projeto urbanístico de Brasília. Nas palavras do autor do projeto urbanístico da cidade-capital, Brasília foi concebida de acordo com “a ordenação geométrica das quadras e a largueza dos espaços no eixo monumental [que] permitiram integrar os “velhos” princípios corbusianos da cidade radiosa e a lembrança das belas perspectivas de Paris em um todo organicamente articulado” (COSTA, 1995, p. 303).

Oscar Niemeyer foi autor dos projetos arquitetônicos mais icônicos de Brasília que se destacam pela originalidade da concepção estrutural e pela excepcionalidade da espacialidade e escalas. Estimulado pelo Movimento Modernista, do qual era partícipe, Niemeyer buscou inspiração na arquitetura barroca e suas releituras, associando a so-

lidez das formas coloniais com o potencial do espaço orgânico onde seria construída a Capital Federal. Entre suas principais obras estão a residência do Presidente (Palácio da Alvorada), o Edifício do Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e Senado Federal), a Catedral de Brasília, os prédios dos ministérios e a sede do governo (Palácio do Planalto).

A capital federal é considerada um dos marcos do urbanismo do século XX e tornou-se um símbolo da arquitetura modernista. Reconhecida por diferentes instâncias, nacionais e internacionais, pela originalidade do seu ambiente construído e integração com o seu entorno, Brasília possui diferentes níveis de proteção, entre os quais destacamos:

- Governo Federal - Livro do Tombo Histórico, inscrição nº 532. Portaria nº 314/92 do IBPC atual Iphan;
- Governo do Distrito Federal - Decreto nº 10.829 de 14 de outubro de 1987;
- UNESCO - Lista do Patrimônio Mundial - Inscrição nº 445, em 7 de dezembro de 1987.

A UNESCO inscreveu Brasília na Lista do Patrimônio Mundial baseando-se nos seguintes critérios de inclusão: (i) Representar uma obra artística única, uma obra-prima do gênio criativo humano; (ii) Ser um exemplar marcante de um tipo de construção ou conjunto arquitetônico que ilustre um estágio significativo da história da Humanidade.



ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS
PARA LA EDUCACIÓN,
LA CIENCIA Y LA CULTURA



*El Comité del Patrimonio Mundial
ha inscrito*

Brasília

en la lista del patrimonio mundial

*La inscripción en esta lista confirma el valor
excepcional y universal
de un sitio cultural o natural que debe ser protegido
para el beneficio de la humanidad*

FECHA DE LA INSCRIPCIÓN

11 de diciembre de 1987

DIRECTOR GENERAL
DE LA UNESCO



Diploma de Patrimônio
Mundial concedido a Brasília
pela UNESCO em 1987.
Fonte: Portal do IPHAN,
2020.

Museu Nacional de Brasília
Fonte: Twitter da UNESCO,
2020.

Educação: um valor universal para a preservação do Patrimônio Cultural

As vertentes do patrimônio histórico e artístico foram reconhecidas e incorporadas às estratégias de ensino e aprendizagem. Surgiu, portanto, na Conferência Geral da Unesco de 1972 (17ª Sessão em Paris), a proposta de criação dos Programas Educativos com o objetivo de fortalecer o apreço e o respeito dos povos pelo patrimônio cultural e natural e promover a difusão de informações e recomendações institucionais dessa agência da ONU sobre as ameaças e perigos ao patrimônio, impostas pelo avanço da urbanização.

No Brasil, a criação, em 1937, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), celebra o início do processo de reconhecimento das obras de arte patrimoniais que traduziam a identidade brasileira, mediante a valorização da diversidade cultural constituída pela miscigenação de raças e povos que participaram da colonização do território nacional.

A experiência em educação patrimonial começou a ser sedimentada finalmente na década de 1970 com o lançamento, no Brasil, de dois documentos norteadores de programas e ações educativas voltadas para a proteção e promoção do patrimônio cultural: o Compromisso de Brasília, assinado em 1970 e o Compromisso de Salvador, firmado em 1971.

O primeiro estabelece a educação para o patrimônio como tema comum a todos os níveis da educação formal e, portanto, deveria ser tangenciada pelo currículo escolar e pelas atividades em espaços não formais de aprendizagem como museus e bibliotecas.

O Compromisso de 1970 indica, em linhas gerais, que as ações educativas deveriam reforçar a formação de uma consciência nacional através de “[...] matérias que versem o conhecimento e a preservação do acervo histórico e artístico, das jazidas arqueológicas e pré-históricas, das riquezas naturais e da cultura popular, adotado o seguinte

critério: no nível elementar, noções que estimulem a atenção para os monumentos representativos da tradição nacional; no nível médio, através da disciplina de Educação Moral e Cívica; no nível superior (a exemplo do que já existe no curso de Arquitetura, com a disciplina Arquitetura no Brasil), a introdução, no currículo das escolas de Arte, da disciplina de História da Arte no Brasil; e nos cursos não especializados, a de Estudos Brasileiros, parte destes consagrados aos bens culturais ligados à tradição nacional” (IPHAN, 1970, p. 2).

Já segundo o Compromisso de Salvador, “recomenda-se aos governos estaduais que incluam no ensino de 2º grau curso complementar de estudos brasileiros e a museologia que permita aos diplomados a prestação de serviços nos museus do interior, onde não haja profissional de nível superior” (IPHAN, 1971, p. 3).

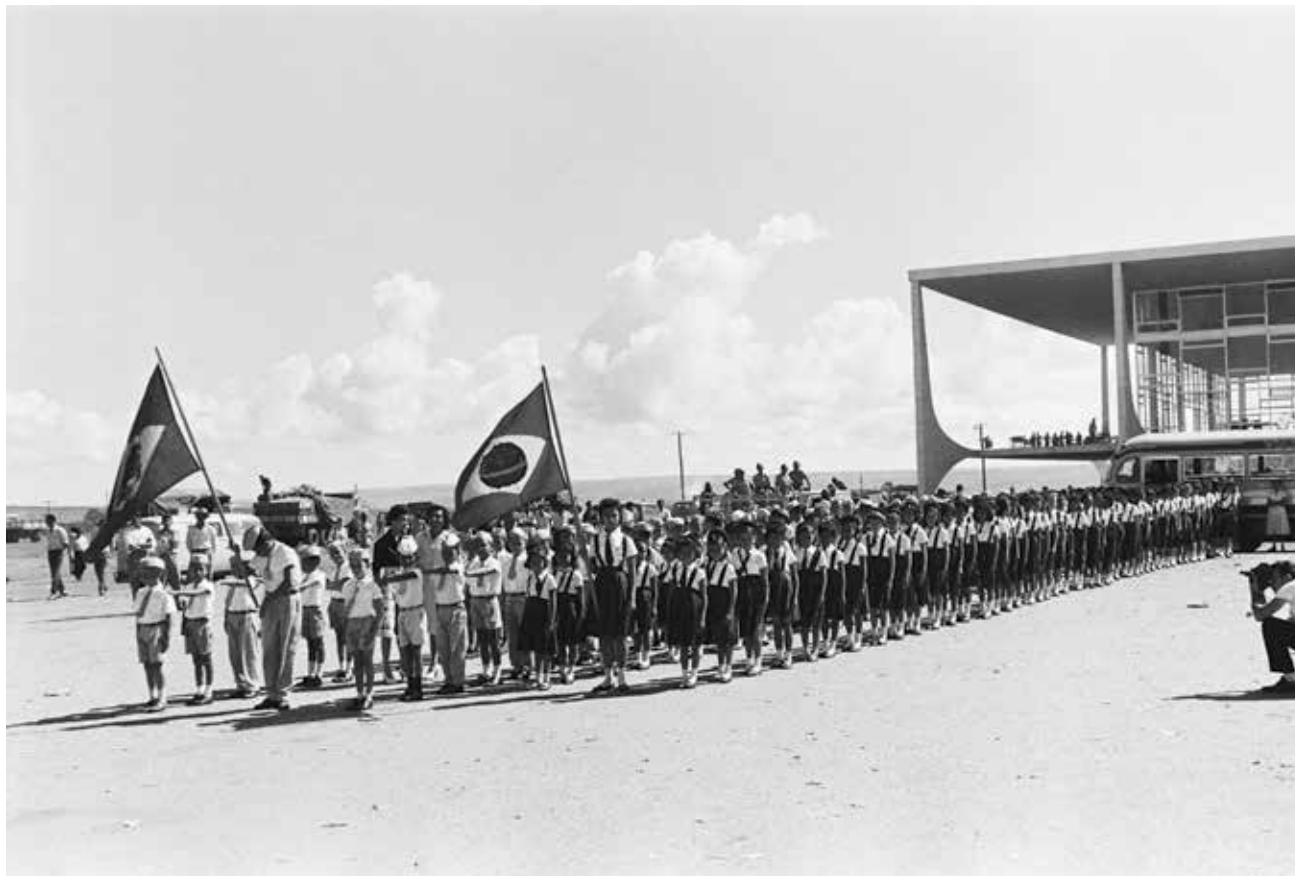
No campo da orientação profissional dos professores da Educação Básica, o IPHAN lança, em 1999, o Guia Básico de Educação Patrimonial, de autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro. Considerado referência obrigatória para as ações em educação patrimonial, o Guia reuniu diferentes experiências das sessões regionais e unidades do IPHAN desenvolvidas durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 e introduziu o conceito de “Alfabetização Cultural” que tinha como premissa conduzir o indivíduo a uma leitura de mundo identificada com a efetividade da cidadania plural.

As ideias do Guia foram continuadas e reforçadas por outras ações. Entre elas, destacamos: 1997 – Lançamento, pelo MEC, dos Parâmetros Curriculares Nacionais que abordaram, entre outros temas transversais, a “Pluralidade Cultural”; 2004 – Decreto nº 5.040/04 – Criação da unidade administrativa responsável por promover ações educativas voltadas para a preservação do patrimônio cultural; 2014 – Institucionalização das diretrizes e princípios da educação patrimonial por meio da publicação Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos (IPHAN);

O que é Educação Patrimonial?

Ao longo da trajetória da construção do conceito de Educação Patrimonial foram considerados diferentes tratados, cartas, diretrizes, publicações especializadas e documentos que contribuíram para uma definição polissêmica do termo. Maria de Lourdes Parreiras Horta definiu educação patrimonial “[...] como o ensino centrado no objeto cultural, na evidência material da cultura, ou ainda, como fonte primária do ensino” (HORTA, 2008, p. 16). O caráter multidisciplinar do campo em que está inserida essa temática determina, portanto, que o patrimônio não é apenas um recurso, mas também uma realidade. A Carta de Nova Olinda estabelece ainda que a Promoção do Patrimônio Cultural, efetivada sobretudo pelo Iphan, alberga ações educativas voltadas para o conhecimento e preservação do patrimônio cultural brasileiro. Embora essa definição tangencie diferentes iniciativas, é inegável a importância da adoção do princípio da gestão compartilhada que permita um diálogo entre agentes institucionais e sociais e a comunidade.

A construção coletiva e democrática de ações educativas permite o uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem que considerem bens culturais como objetos carregados de informações e referências (CUSTÓDIO, 2008, p. 25). A viabilidade do uso do patrimônio cultural como recurso para o educador encontra fundamento na patrimonialidade das manifestações populares, dos modos de fazer, das obras de arte, dos lugares e territórios, ou seja, na potencialidade que esses bens culturais têm para construção de um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da nossa herança histórica. Consideramos que a aptidão para interpretar objetos e expressões culturais amplia a capacidade de leitura de mundo dos estudantes e permite a concretização do processo de “Alfabetização Cultural”. Dessa forma, podemos nos questionar: para que serve a Educação Patrimonial? Para ampliar a visão de mundo do educando, fundamentando sua aprendizagem na interpretação do ambiente a sua volta como resultado de um processo histórico e cultural, é a resposta.



Estudantes na Praça dos
Três Poderes, 1960.
Foto do Arquivo Público do
Distrito Federal
Fonte: In: ATHAYDE, Danielle.
Catálogo *Brasília – da utopia
à Capital*, p. 96. 2019.

A temática da Educação é uma abordagem que gradualmente ganhou espaço entre as ações de preservação do patrimônio cultural mediante práticas de promoção da cidadania. Nesse sentido, a sensibilização de educadores sobre a importância da construção de práticas pedagógicas voltadas para a valorização da herança cultural do Brasil é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Como indivíduo social e sociável, o aluno deve desenvolver um sentimento de pertencimento, tanto individual quanto coletivo, em relação ao seu lugar. Da mesma forma, o resgate da memória e da história da cultura brasileira deve ser compreendido como uma possibilidade de construção de uma identidade plural, na qual o aluno se identifica como protagonista. Considerando as vertentes não formais desse processo de apropriação dos bens culturais que, de maneira dinâmica, dão sentido à trajetória do povo brasileiro, é que podemos dialogar sobre o conceito de Educação Patrimonial.

O objetivo central da assimilação dessa temática pelo currículo escolar é a possibilidade de despertar no educando a curiosidade, a vontade, o interesse em conhecer e reconhecer o patrimônio como testemunho material e imaterial da história. Mais ainda, pretende-se estimular o aluno a fazer suas próprias escolhas em relação aos bens culturais mais significativos constantes na sua realidade cotidiana, por meio de um olhar crítico do seu território - espaço físico-cultural definido por vínculos sociais identitários que englobam pessoas, natureza e ambiente construído.

Considerando a Educação como uma codificadora da cultura, é possível criar no ambiente de sala de aula um espaço propício para a troca de experiências que revelem as referências culturais que fazem parte do cotidiano do aluno. Partindo desse princípio, torna-se natural a assimilação do conceito de patrimônio e, conseqüentemente, a vitalidade da sua preservação. Compreendemos que a Educação Patrimonial é um instrumento de mediação que pode articular saberes diversificados e diferenciados, presentes tanto no currículo formal como no âmbito da



Peter Scheier

Crianças na avenida W3; ao fundo, casas geminadas, 1960.
In: ATHAYDE, Danielle.
Catálogo Brasília – da utopia à Capital, p.186.
2019.

Peter Scheier

Crianças nos arredores de escola local em superquadra, 1960.
Acervo: Instituto Moreira Salles.
In: ATHAYDE, Danielle.
Catálogo Brasília – da utopia à Capital, p. 187.
2019.

educação não formal. A ideia de considerar, por exemplo, o território como documento vivo, passível de leitura e interpretação por meio de estratégias educativas, pode fomentar outras ações, programas e políticas públicas que fortaleçam a alteridade e autonomia dos alunos.

Como embaixadores da comunidade escolar, e também das suas comunidades de origem, o educando pode se transformar em um sujeito ativo, engajado na valorização e preservação de bens culturais. Nesse sentido, o professor tem um papel singular na formação de alunos com uma visão de mundo mais crítica, pois os educadores são responsáveis pela elaboração e orientação de atividades que evidenciam o lugar da educação patrimonial na formação de cidadãos mais sensíveis ao valor da cultura.

CONTRIBUIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

Patrimônio para além dos ambientes construídos: uma contribuição da educação para a sustentabilidade.

A partir da construção de aspectos teóricos e relevantes para a compreensão da importância da educação patrimonial, avançamos no sentido de refletir sobre outras percepções de patrimônio. Aqui propomos extrapolar o olhar em relação aos equipamentos edificados para assimilar que os recursos naturais e os indivíduos, em toda a sua diversidade, também compõem uma complexa e rica paisagem cultural. Um conceito estabelecido pela UNESCO em 1992 trata das interações entre o ambiente natural e as atividades humanas, onde se criam as expressões culturais. Na descrição da UNESCO, as paisagens culturais são “ilustrativas da evolução da socieda-

de e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, sob a influência de condicionantes e/ou oportunidades físicas apresentadas pelo seu ambiente natural e de sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto externas quanto internas”. (UNESCO, 2012, pp. 14)

A partir desse olhar, é possível pensarmos Brasília com toda a sua riqueza seja natural, patrimonial e social numa abordagem ampla com soluções inteligentes de produção e consumo sustentáveis? Afinal, toda essa riqueza que nos cerca, integra uma paisagem única, composta por cenários, formas de interação e realidades sociais cheias de valor e riqueza, que precisam de um uso mais consciente, e, portanto, sustentável.

Nessa reflexão, reconhecemos um desejo enorme de se estabelecerem relações cuidadosas com as pessoas e com as paisagens de modo a proporcionar a sonhada qualidade de vida a todos. Afinal, relações de cuidado não contribuiriam para a sobrevivência da vida, com qualidade, ao longo do tempo? Nossas reflexões também se inspiraram numa importante agenda amplamente debatida entre diversos países que é a Agenda 2030 da ONU. Essa Agenda criou 17 objetivos para transformar o mundo chamados de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que estão assim agrupados: Pessoas (ODS 01,02,03,04,05,06); Prosperidade (ODS 07,08,09,10); Planeta (ODS 11,12,13,14,15); Paz (ODS 16);e Parcerias (ODS 17).

À luz de todos esses aspectos, compartilhamos algumas importantes reflexões:

- É possível uma abordagem que promova o encontro e a troca entre pessoas que buscam inspiração nas diversas linguagens para construir suas próprias respostas às questões individuais e coletivas?
- É possível abordar temas contemporâneos que se conectem aos anseios dos indivíduos e da sociedade e também aos movimentos locais e globais que transitam entre o real e o imaginário coletivo?
- É possível estimular reflexões; possibilitar a

Marcel Gautherot

Campus da Universidade de Brasília em construção, 1961. Instituto Moreira Salles – Brasil. In: ATHAYDE, Danielle. Catálogo *Brasília – da utopia à Capital*, p. 167. 2019.

**Henrique Morize**

Cachoeira do Rio Cassu, 1892 Foto do Arquivo Público do Distrito Federal. In: ATHAYDE, Danielle. Catálogo *Brasília – da utopia à Capital*, p.60. 2019.



construção de respostas; ressignificar padrões de pensamento e comportamentos?

- É possível perceber e se apropriar de novas percepções do mundo em que se vive e que se deseja viver para a construção de novos caminhos?
- É possível nos apropriarmos de valores como autorresponsabilidade e empatia para compreender o nosso papel como agente estratégico na transformação da realidade em que vivemos?

Acreditamos que sim e reconhecemos o ambiente criativo do ensino formal da educação como o espaço ideal para o aprimoramento e consolidação de uma plataforma inspiradora e educativa capaz de provocar reflexões em torno dessas temáticas e estimular transformações positivas nas pessoas.

Aqui a intenção é propor um olhar para os temas educação patrimonial e educação para a sustentabilidade enquanto temas norteadores de boas práticas, a partir das escolas e de uma tradução coletiva em relação aos mesmos e numa perspectiva mais ampla e complexa.

Tratamos dos desafios ligados às dinâmicas e comportamentos humanos. Afinal toda transformação começa a partir do próprio indivíduo, bem como de suas dinâmicas e espaços sociais. Para abordar essa temática, nos pautamos em três teóricos:

Edgar Morin, filósofo que trata da teoria da complexidade, assevera que “é preciso ser guiado ao mesmo tempo pela razão e pela paixão e isso é navegar pela vida.” (MORIN, 2019) E continua:

Do ponto de vista da vida, temos a prosa e a poesia. A prosa da vida são as coisas que somos obrigados a fazer para ganharmos o pão de cada dia. Já a poesia da vida é o que nos dá o fervor, a emoção, a exaltação, o jogo, a beleza, o fato de contemplar o oceano, as gaivotas e as praias. Infelizmente, nossas sociedades são invadidas pela prosa, mas devemos resistir delas em nossas amizades

e relações humanas. Poesia na vida é fundamental. A poesia é um aspecto de emoção feliz que nos coloca no deslumbramento e no êxtase.

(MORIN, 2019, grifos do autor).

Felix Guattari que defende três perspectivas da ecologia - Ecologia do Ser - a possibilidade do indivíduo de estabelecer relações de cuidado consigo próprio e as subjetividades humanas; a Ecologia das Relações - o estabelecimento de valores de respeito nas relações humanas; e a Ecologia da Natureza - o cuidado com a natureza enquanto meio ambiente natural. (GUATTARI, 1999).

Rudolf Steiner – filósofo, educador e fundador da Antroposofia - traz inspirações diretamente ligadas às motivações dessa iniciativa. “A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas.” (EWRS, 2020). E afirma: - “Conhecimentos podemos ganhar uma vez e nada acontece. Ser tocado interiormente é uma experiência que será procurada sempre de novo, e ela se aprofundará cada vez mais.” Rudolf Steiner, (Bahia, 2014).

Professor, vamos inspirar e construir uma jornada criativa e transformadora juntamente aos estudantes?

Cerrado: conhecer para preservar

Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

Princípio 14 – Carta da Terra

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) foi a responsável por coordenar a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável entre 2005 e 2014. A ênfase estava centrada no papel da edu-

cação na busca pelo Desenvolvimento Sustentável.

O maior desafio seria o de estimular mudanças de atitudes e comportamentos na sociedade. Portanto, as propostas pedagógicas deveriam estar centradas na criticidade dos sujeitos com vistas ao desenvolvimento da organização social, da participação coletiva, do sentido de cidadania planetária juntamente com habilidades, atitudes e valores para a sustentabilidade. Assim, foram reforçados *cinco eixos*: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver juntos e central como berço das águas:

Que fatores contribuem para a falta de pertencimento ao Cerrado e desrespeito às suas inúmeras formas de vida e como isso pode ser revertido? Conhecemos e respeitamos o modo de vida dos povos e comunidades tradicionais que dependem do Cerrado para viver? Um dos aprender a transformar a si mesmo e a sociedade.

O Plano Distrital de Educação Ambiental partiu do eixo ‘aprender a conhecer’, tendo o Cerrado como eixo pedagógico e sua importância desafios seria o de conhecer e tornar público o histórico da sociobiodiversidade e da relação homem e natureza do Cerrado. É afirmar que somos todos Cerratenses! (2018:17).

O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul que ocupava cerca de 2 milhões km² do território e está representado em cerca de 1.500 municípios brasileiros.

No imaginário de muitas pessoas no Brasil há um estereótipo do Cerrado ilustrado por árvores secas e retorcidas, cascas espessas e folhas grossas, mas nem só de árvores tortas vive o Cerrado. Ele também possui uma grande variedade de cactos, bromélias, orquídeas, palmeiras e gramíneas.

Há nele 480 espécies de plantas que são endêmicas, ou seja, só existem neste lugar do planeta Terra. Isso faz

com que o Cerrado possua uma elevada diversidade de paisagens constituídas por diferentes fisionomias de vegetação que o coloca entre as savanas de maior riqueza florística do mundo.

O Cerrado é ainda percebido como um subsistema da economia. Os povos, a flora e a fauna que nele habitam são vistos como um entrave ao processo de produção. No entanto, o que muita gente não sabe é que os povos indígenas, quilombolas, chapadeiros, vazanteiros, geraizeiros, quebradeiras de coco, dentre outras comunidades tradicionais são exemplos de grupos humanos que desenvolveram técnicas e sistemas de manejo da biodiversidade que lhes possibilitam obter parte de sua renda com os chamados produtos da sociobiodiversidade: pequi, babaçu, macaúba, jatobá, etc.

Outra questão fundamental a ser considerada é que grande parte do PIB agrícola do Brasil está no Cerrado. Ao mesmo tempo, todo o restante do PIB que não é agrícola depende do Cerrado pelas águas que brotam nele. Berço das águas do Brasil, abriga as nascentes de nove bacias hidrográficas que levam águas para a Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal, Caatinga e Pampas – biomas que dependem direta ou indiretamente da drenagem realizada pelos rios dessas bacias.

Saem do Cerrado 25% da produção nacional de grãos, quatro de cada dez cabeças do rebanho bovino e metade de quase 10 milhões de toneladas de carvão vegetal produzido por ano no País. No entanto, há o risco de que sem a sua conservação, o Brasil possa perder sua riqueza agrícola e ambiental.

No Cerrado, estão depositadas grandes reservas de águas subterrâneas nos aquíferos Urucuia, Bambuí e Guarani. Sem esses os aquíferos, não haverá rios. Sem rios, não haverá vida. Sem vegetação, não haverá água. Sem água, não haverá agricultura. O Brasil precisa do Cerrado.

O desconhecimento da sociedade brasileira sobre o Cerrado tem justificado sua destruição. Foi por este moti-

vo que criamos o Museu do Cerrado em 2017 como uma forma de mostrar a sua importância na vida de todos os brasileiros. Sua missão é divulgar os conhecimentos científicos e os saberes e os fazeres populares acerca da sociobiodiversidade desse bioma.

Só podemos ensinar sobre o Cerrado se o conhecermos a fundo. Só poderemos conservá-lo, se o cuidarmos. Só cuidamos daquilo que amamos e é por amor ao Cerrado que o mostramos através de um museu virtual para que qualquer pessoa em qualquer lugar do Brasil e do mundo possa acessá-lo em qualquer dia do ano. O Museu do Cerrado encontra-se no site www.museucerrado.com.br.

Universidade de Brasília
museudocerrado.unb@gmail.com

Propostas de desenvolvimento de atividades em Educação Patrimonial e Educação para a Sustentabilidade

Definida como ferramenta de aprendizagem, a educação patrimonial consta em diferentes etapas da Educação Básica, e fundamenta quatro das dez Competências Gerais da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Da mesma forma, a educação para a sustentabilidade norteia quatro dessas dez competências e o documento ainda afirma: - “Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza”, (BRASIL, 2013), alinhando-se à Agenda 2030 da ONU, (BRASIL, 2018, p. 10).

Pautada nessas competências, a BNCC contempla inúmeras possibilidades de desenvolvimentos de ações educativas no âmbito do patrimônio cultural e de educação para sustentabilidade, que deverão despertar nos estudantes conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para re-

solver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Nesse intuito, seguem algumas propostas de aplicação da educação patrimonial e educação para a sustentabilidade:

Língua Portuguesa

Construir textos sobre os 17 ODS explorando os diversos gêneros textuais;

Dar condições para a elaboração de textos, coletivamente, que retratem a visão do grupo, e não apenas do indivíduo, em relação às temáticas associadas à sustentabilidade;

Realizar saídas de campo para a observação das paisagens do entorno da escola para um registro propositivo, estimulando a lógica de causa e efeito;

Propor a elaboração de projetos a respeito de alguma demanda que se pretende transformar na escola. A escrita de um projeto estimula a construção de ideias com clareza, a ordenação numa sequência lógica das informações, capacidade de defesa de ideias e definição de estratégias;

Elaborar textos a partir de diferentes gêneros textuais que descrevem ou mencionem a história de Brasília, suas cidades satélites e entorno, de forma que possam ser destacados elementos de sua arte, história e cultura.

Produzir textos que descrevam monumentos históricos, indicando aspectos históricos, artísticos, físicos, entre outros.

Selecionar textos de autores, poetas e músicos locais que tenham como tema central as cidades do Distrito Federal e sua cultura.

Artes

Construir roteiros para peças de teatro, ou compor letras de músicas cujo conteúdo esteja associado à Agenda 2030 da ONU;

Fazer observação de paisagem para registro artístico;

Fazer pesquisa de artistas que se inspiraram em temas ligados à Agenda 2030;

Produzir instrumentos musicais a partir do aproveitamento de materiais descartados;

Propor uma exposição (na sala ou na escola) de fotografias que retratem na percepção do aluno um patrimônio (natural ou cultural; material ou imaterial).

Propor uma visita ao Museu Nacional, onde será proposto um exercício de percepção artística que permita a observação das formas arquitetônicas da edificação do Museu e seu entorno (Catedral, Biblioteca Nacional, Esplanada dos Ministérios, entre outros);

Propor aos alunos a criação de uma peça teatral ou musical que retrate episódios da história da Capital Federal ou das cidades do entorno;

Educação Física

Trabalhar com a lógica de jogos cooperativos;

Propor atividades que remetam a importância do cuidar de si como a meditação, práticas taoístas, yoga entre outras;

Propor saídas de campo para parques ecológicos, com aulas em ambientes abertos e naturais que possam inspirar os alunos ao exercício da contemplação e relação afetiva com o meio ambiente;

Propor aulas baseadas na diversidade cultural de outros países;

Propor o reconhecimento de formas de expressão corporal manifestadas em danças, bailados, brincadeiras, folguedos, que são próprios da cidade do aluno ou de outra que esse tenha conhecimento.

Incentivar os alunos a realizar uma caminhada cultural, durante a qual será solicitada a identificação dos lugares mais significativos para a dinâmica cultural da cidade.

Língua Estrangeira

Pesquisar como os países de língua estrangeira (escolher um) atuam diante da Agenda 2030;

Pesquisar ações relevantes desenvolvidas por outros países no que se refere à sustentabilidade;

Apresentar aos alunos o repertório bilíngue da sinalização do Patrimônio Mundial no Brasil, com destaque para a história do seu surgimento, significados, tipologias, interpretação e principais aplicações em Brasília e entorno.

Propor uma competição entre os alunos que consista na apresentação, em língua estrangeira, de um bem cultural, abordando suas principais características históricas e artísticas.

Geografia

Pesquisar soluções sustentáveis que estão sendo aplicadas no bioma Cerrado e propor sua implementação na escola;

Fazer visita a grupos, instituições e comunidades que implementem ações em prol da sustentabilidade;

Apresentar ao aluno o conceito de Patrimônio Natural e suas principais características, indicando a origem dessa classificação e sua importância para a preservação de espaços geográficos; e destacar os bens naturais presentes no entorno de Brasília que possuem o título de Patrimônio Natural.

Propor aos alunos a realização de um inventário da paisagem natural que destaque a importância dos elementos naturais que definiram a escolha geográfica de Brasília para capital federal.

Realizar um estudo da cartografia histórica de Brasília que permita o entendimento dos antecedentes históricos e geográficos da construção da capital e a compreensão da situação geográfica das cidades satélites.

História

Pesquisar como as diversas culturas lidam com a relação desenvolvimento econômico e sustentabilidade, identificando aspectos positivos, legados e passivos;

Pesquisar o processo de ocupação do Planalto Central e as formas de sobrevivência;

Realizar visitas aos Museus da cidade.

Propor a construção de um Mural da Memória que destaque personagens que participaram da fundação, construção, difusão cultural e participação social, relacionadas à cidade do aluno.

Realizar um inventário histórico sobre os monumentos que compõem o Patrimônio Mundial de Brasília. O educador poderá dividir os alunos em grupos e distribuir entre eles os principais monumentos, solicitando que abordem o momento histórico da sua construção.

Ciências

Pesquisar dados do atual cenário ambiental do Cerrado;

Fazer experimentos práticos que evidenciem causas e consequências socioambientais de temas como: aquecimento global, assoreamento de rios, poluição das águas, desmatamento, consumo, desertificação e lixões entre outros.

Apresentar aos alunos o conceito de Patrimônio Natural, indicando quais biomas brasileiros já receberam esse título, destacando também quais critérios foram adotados para essa escolha;

Propor uma caminhada ambiental que tenha como objetivo a criação de um caderno de observação, no qual os alunos poderão anotar as principais características naturais observadas durante o passeio.

Matemática

Nos exercícios de matemática que envolvam interpretação de texto, utilizar dados atuais sobre os cenários socioambientais;

Fazer associações entre geometria e as formas da natureza, a partir da observação da paisagem.

Elaborar maquetes dos monumentos de Brasília explorando as noções de escala e geometria.

Referências bibliográficas

ATHAYDE, Danielle. Catálogo *Brasília – da utopia à Capital*, 296 p., 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura, educação e interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: Iphan, 1996. Parte 2. p. 27-104.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Curricular Comum: educação é a base. Brasília, 2018.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado Federal, 1988. BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27883, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 jan. 2014.

COSTA, Maria Elisa Costa. *Lucio Costa – Registro de Uma Vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. BARRETO, Euder Arrais et. al. (orgs.) Patrimônio Cultural e Educação: artigos e resultados. Goiânia: IPHAN, 2008, pp. 23-37.

EWRS - ESCOLA WALDORF RUDOLF STEINER. Disponível em: <http://ewrs.com.br/site/pedagogia-waldorf/>. Acesso em: 13/02/2020.

IPHAN. *Compromisso de Salvador*, 14 de outubro de 1971, Salvador.

IPHAN. *Compromisso de Brasília*, 1º de abril de 1970, Brasília.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico da Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN/ Minc, 1995.

Páginas eletrônicas

<https://museucerrado.com.br/eco-historia/>
<https://www.cafehistoria.com.br/impactos-ecologicos-brasilia/>
<http://eventos.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/5/2014/08/EDUCACAO-AMBIENTAL-E-PATRIMONIA-CONVERGENCIAS-TEORICAS.pdf>
<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1882>
<https://journals.openedition.org/configuracoes/1738>
<https://twitter.com/UNESCOBrasil/status/1100417734981156866>
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/574>

**Educação Patrimonial,
Educação para a
Sustentabilidade e
Cerrado – inspirações
e contribuições**

FICHA TÉCNICA

CURADORIA E COORDENAÇÃO DA
EXPOSIÇÃO BRASÍLIA MUSEU ABERTO
Danielle Athayde

COORDENAÇÃO GERAL
Ana Beatriz Goldstein

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
Márcia Adriana de Barros Fraga
Niedja Genar

COORDENAÇÃO DA
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
Ariadne Ketini Costa de Alcântara

COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PARA SUSTENTABILIDADE
Patrícia Mazoni

COORDENAÇÃO CERRADO
Rosângela Correia

REVISOR DE TEXTOS
José Roberto da Silva

DESIGN GRÁFICO
Tecnopop

COLABORAÇÃO



APOIO



PARCEIROS DE MÍDIA



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

